



Suplemento do professor
elaborado por Andréia Manfrin

**TIAGO
DE MELO
ANDRADE**

**Ilustrações
CAROLINA
MONTERRUBIO**

 **Editora
do Brasil**

Muitas pessoas pensam que textos de literatura e de linguagem poética são construídos a partir de histórias incríveis ou de grandes feitos. No entanto, a literatura pode estar muito mais próxima do que, às vezes, imaginamos. Ela pode estar em uma lembrança guardada na memória, na observação do caminhar vagaroso e sinuoso de uma taturana, e até nas aliterações presentes em determinadas palavras da nossa bela língua materna. É isso que o escritor Tiago de Melo Andrade comprova no livro *Como subir em árvores*, que reúne crônicas tão particulares e pessoais quanto universais, pois todos os leitores se reconhecerão em ao menos um dos textos, se emocionarão com muitas passagens e terão vontade de reler praticamente todas as páginas. Se não puder subir em uma árvore para desfrutar dessas pílulas poéticas, o leitor pode encontrar uma sob a qual se sentar acanhadamente e se aventurar por universos tão próximos e, curiosamente, tão distantes do nosso olhar, já tão viciado em não enxergar.

sugestões de atividades

1. E para você, o que é literatura?

Como vimos no texto de apresentação do livro, muitas vezes o conceito de literatura e linguagem poética está atrelado a fatos e acontecimentos extraordinários, que fogem das histórias cotidianas e, por isso mesmo, têm o “direito” de pertencer ao universo literário. É provável que muitos alunos mantenham essa ideia em relação ao que “pode” ser classificado como literatura. Por isso, a proposta de exploração inicial do livro *Como subir em árvores* é que, antes da leitura, você organize uma roda de conversa com os alunos e pergunte o que eles pensam ser literatura. Deixe-os livres para conceituá-la da forma como a percebem, sem exigir conceitos formais nem fontes de informação ou consulta. Afinal, a literatura pode até ser definida conceitualmente, mas a percepção que se tem dela é múltipla e é isso que a torna tão grandiosa. Depois, pergunte o que eles acham que pode ser “transformado” em literatura: que temas, acontecimentos, pessoas ou personagens podem fazer parte de um texto literário. Mais uma vez, é importante que eles se expressem livremente. Se possível, procure fazer um registro das principais características atribuídas por eles ao longo dessa conversa. Depois, quando você tiver explorado a leitura do livro em todas as suas possibilidades, retome com eles o que foi falado nesse momento inicial e pergunte se eles mudariam suas respostas. O autor Tiago de Melo Andrade faz um belo trabalho de linguagem poética nas crônicas desse livro e nos convida a ir além, ao mesmo tempo que propõe olharmos para o simples, para o pessoal, para o cotidiano, e construir a literatura a partir disso, e esse é justamente um dos aspectos mais interessantes do livro: a relação transformadora que podemos ter com a poesia do nosso cotidiano, das nossas memórias e da nossa história – e que se pretende que os alunos compreendam ao longo dessa leitura.



Após essa exploração inicial, é o momento de iniciar a leitura do livro. Como os alunos dessa faixa etária já têm autonomia de leitura, em um primeiro momento, proponha que eles leiam as crônicas sozinhos. Há muitas possibilidades de abordagem do livro, e você pode escolher a que achar mais pertinente para o grupo: leitura do livro de maneira linear; sequência de leitura com foco em determinados temas (explorar primeiro os que tratam de animais, por exemplo, depois os que falam da relação com a avó etc.), ou um bloco de leitura a cada novo encontro com o grupo, a fim de explorar as impressões deles a respeito das crônicas lidas até o momento, entre outras. Qualquer que seja sua escolha, é importante que essa etapa inicial aproxime os alunos da linguagem poética e das imagens que suscitam. Converse com eles sobre o fato de que situações cotidianas e corriqueiras são transformadas em literatura por meio da forma como elas são narradas/descritas. Você pode, por exemplo, selecionar duas ou três crônicas do livro para ilustrar essa situação (algumas sugestões: “Rataria”, “Pudim de pavor” e “Arrumação”) e pedir que os próprios alunos indiquem outras que reforçam essa informação e, neste caso, que exemplifiquem, com trechos do texto, a razão que os leva a fazer essa análise. É importante que eles se aproximem da linguagem do livro por meio da leitura e da compreensão e interpretação das construções escolhidas, a fim de se apropriarem minimamente desse tipo de linguagem antes de a experimentarem por meio da escrita autoral.

Outro aspecto importante a ser explorado durante a leitura é a linha que une todos os textos, aquilo que eles têm em comum e que confere ao livro uma unidade. Aqui, mais uma vez, a intenção é que os alunos reconheçam as temáticas cotidianas que estão presentes nas crônicas e a forma poética com que são tratadas, partindo sobretudo da forma e da construção de imagens para dar poesia ao conteúdo. Por isso, ao finalizar a leitura de todo o livro, pergunte a eles o que tem em comum e façam juntos uma lista dos itens apontados. É importante que essa atividade seja realizada com todo o grupo e que, de forma organizada e respeitosa, todos opinem sobre concordar ou não com o que foi proposto. Assim, além de explorar o conteúdo do livro, os alunos estarão também desenvolvendo a capacidade de argumentação oral e de defesa de um ponto de vista, que é tão necessária para a formação como leitor crítico e atuante em todos os níveis.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF69LP44**, **EF69LP46**, **EF69LP47**, **EF69LP49** e **EF89LP33**.



2. O eu leitor e o ouvinte

A leitura de uma crônica e de uma receita de bolo tem alguma diferença? Faça essa pergunta aos alunos e ouça o que eles têm a dizer. Pergunte que objetivos e intenções estão presentes em cada uma das leituras. A literária é, muitas vezes, silenciosa e individual, mas quando compartilhada, pode surtir um efeito diferente, tanto em quem lê como em quem ouve. Isso porque a interpretação dada pelo leitor, com suas pausas, entonações e intenções, pode ajudar o ouvinte a reconhecer outros detalhes presentes no texto e que lhe escaparam durante a leitura individual. Ou seja, compartilhar literatura é também uma forma de enriquecer o contato com ela. Por isso, sugerimos que você organize um sarau em que os alunos escolherão um ou dois textos do livro para ler ou declamar aos colegas. Como a escolha da crônica será feita previamente, o aluno pode optar por decorar o texto ou treinar a sua leitura em voz alta. O interessante é que não haja crônicas repetidas, mas, como a escolha fica a cargo do aluno, isso pode acontecer, e é uma excelente oportunidade para você explorar as diferentes interpretações que um mesmo texto pode ganhar de acordo com o leitor.

Instrua os alunos sobre todas as nuances da crônica. Para tanto, peça a eles que selecionem palavras-chave e explorem as imagens que o texto lhes transmite; que prestem atenção à pontuação do texto e às intenções que as acompanham; que se o texto escolhido tiver diálogos, imaginem quem são essas pessoas e que intenção teriam na voz ao falar as frases; que procurem palavras desconhecidas no dicionário e entendam o uso delas no contexto, e assim por diante. Esta etapa também é importante para que eles percebam que o texto terá um efeito positivo no ouvinte quanto melhor compreendermos o que ele diz e melhor interpretarmos todas as suas nuances como leitores ativos.

Quando chegar o momento do sarau, explique como ele funciona e o seu objetivo, principalmente se for a primeira vez que os alunos participam de um. Em um sarau, as pessoas costumam se reunir para compartilhar textos literários de que gostam e, assim, ampliar seu repertório literário. Você pode preparar o ambiente da sala de aula a fim de torná-lo mais acolhedor para a atividade. Leve cangas coloridas, por exemplo, que podem servir de “palco” para quem for ler/recitar a crônica. Os alunos poderão se sentar em almofadas, o espaço pode ser decorado com flores e/ou folhas secas, a iluminação natural da sala pode ser substituída por lanternas ou lâmpadas/luzinhas coloridas, pode haver uma sutil trilha sonora de fundo, que ajude a ambientar as apresentações etc. É



interessante que os alunos participem de todas as etapas da organização, a fim de se sentirem acolhidos pela atividade. Durante a atividade, deixe que eles se apresentem espontaneamente para a leitura/declamação, como costuma acontecer normalmente em eventos desse formato.

Concluída essa etapa, você pode convidar os alunos a falarem sobre suas impressões, tanto como leitores quanto como ouvintes: o que foi mais interessante, que aspectos lhes chamaram a atenção, o que pensaram que poderiam ter feito de diferente em suas leituras, se ouvir o conto apresentado pelo colega os fez entender melhor o texto ou criar diferentes imagens etc. Esse tipo de proposta pode se tornar recorrente em sala de aula, como um recurso de exploração de textos literários.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: EF69LP44, EF69LP46, EF69LP47, EF69LP53, EF69LP54 e EF89LP33.



3. O eu escritor e a vista de cima da árvore

Mais uma vez, vamos ressaltar a beleza da escrita do autor de *Como subir em árvores* ao transformar memórias e experiências em textos literários tão bem construídos e que nos remetem a espaços-tempos que costumamos ignorar cotidianamente. Ao descrever uma árvore como uma “fábrica de folhas douradas e amêndoas” (p. 7), ele nos propõe um outro olhar para a árvore. Ao comparar o dedo de seu Nonô a um “galho seco” (p. 80), ele permite que possamos construir mentalmente a figura de seu Nonô, ainda que nunca o tenhamos visto. São incontáveis exemplos como esses que o livro nos oferece e que podem servir de base para que possamos também direcionar nossos olhares para a poesia de todas as coisas.

Partindo dessas considerações, convide os alunos a fazer exercícios de escrita inspirados nas crônicas do livro. Seguem algumas sugestões:

1. A partir da leitura do conto “Questionário 103”, propor a escrita de um conto feito com perguntas que moram na cabeça de cada um, mas que não costumam ser faladas em voz alta.

2. Partindo dos contos “Oráculo de plástico” e “Mobiliário”, pedir que os alunos busquem por objetos antigos que existam em suas casas e escrevam um conto a partir de uma memória/lembrança relacionada a esse objeto.

3. Pensar em um acontecimento “banal” do cotidiano deles, escrevê-lo objetivamente e, em seguida, transformar esse mesmo acontecimento em um conto literário, partindo, por exemplo, da pesquisa de sinônimos poéticos que possam substituir algumas palavras, de metáforas que construam imagens poéticas e, assim, chegar a um texto mais singelo, simbólico e literário.

4. Fazer um trabalho de exploração das aliterações presentes no texto “Pataria” e propor um exercício de escrita parecido, que parta de um tema ou de uma palavra comum para todos os alunos. Dentre as estratégias, eles podem pensar em palavras que tenham sons semelhantes (por serem escritas com a mesma letra, por exemplo) e que façam parte do mesmo campo semântico, se possível, e, a partir dessa lista, pensar em um conto que seja coerente ao mesmo tempo que explora essa sonoridade.



5. Partindo daquelas que têm diálogos, como “Beijo na testa” ou “Oráculo de plástico”, pensar em uma história que ouviu de uma pessoa próxima e transformá-la em uma crônica que tenha diálogos.

6. Escrever sobre um inseto com que convive em seu cotidiano, descrevendo de forma poética seu modo de vida, seus hábitos, sua forma de se movimentar etc.

É claro que a lista acima está longe de ser exaustiva e as propostas são meras sugestões que você pode adaptar de acordo com seus objetivos. O importante é que os alunos se apropriem da escrita de textos desse gênero e exercitem seu olhar poético sobre o mundo a seu redor. Você pode propor uma leitura dos resultados desses exercícios de forma coletiva, ou até um novo sarau, dessa vez com textos autorais, ou criar o livro de crônicas da turma, com um título escolhido coletivamente, e que possa circular entre todos os alunos.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: [EF69LP51](#), [EF89LP35](#) e [EF09LP04](#).



sugestões para o professor

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliar você a abordar o livro e o assunto em sala de aula. Contudo, esse trabalho não deve ser limitado. A seguir, algumas indicações de conteúdo para ajudá-lo a expandir as discussões.

- A TERCEIRA margem do rio. Direção de Néelson Pereira dos Santos, 90 min, 1994. Classificação indicativa: 16 anos.
- CASTRO, Luana. Gênero crônica em sala de aula. Brasil Escola. Disponível em <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/genero-cronica-sala-aula.htm> . Acesso em 20 maio 2020.
- PORTILHO, Gabriela. Leve a crônica para as aulas de Língua Portuguesa. Nova Escola. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/2171/leve-a-cronica-para-as-aulas-de-lingua-portuguesa>. Acesso em 20 maio 2020.
- WERNER, Marisa Cristina Hirsch. O conto na sala de aula: resgatando o gosto pela leitura. CIA Publicações. 26 mar. 2016. Disponível em <http://centraldeinteligenciaacademica.blogspot.com/2016/03/o-conto-na-sala-de-aula-resgatando-o.html>. Acesso em 15 mar. 2020.

